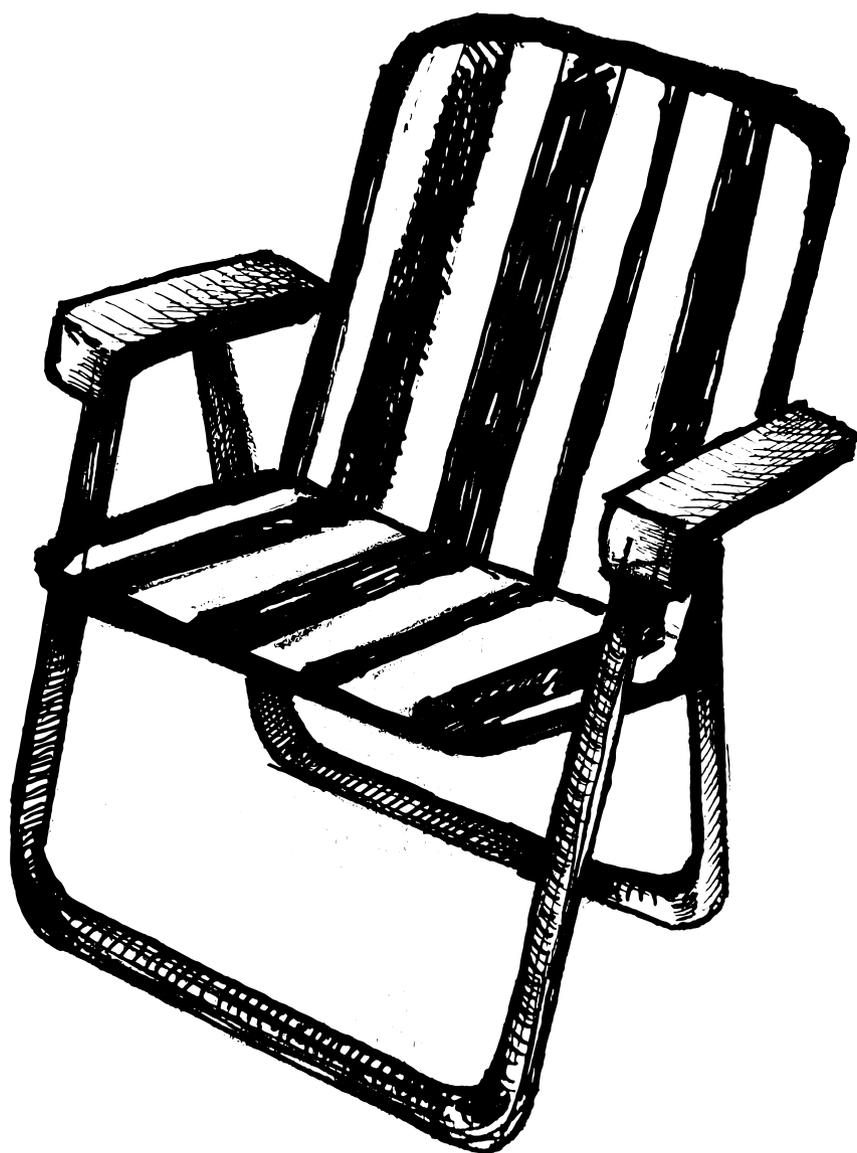
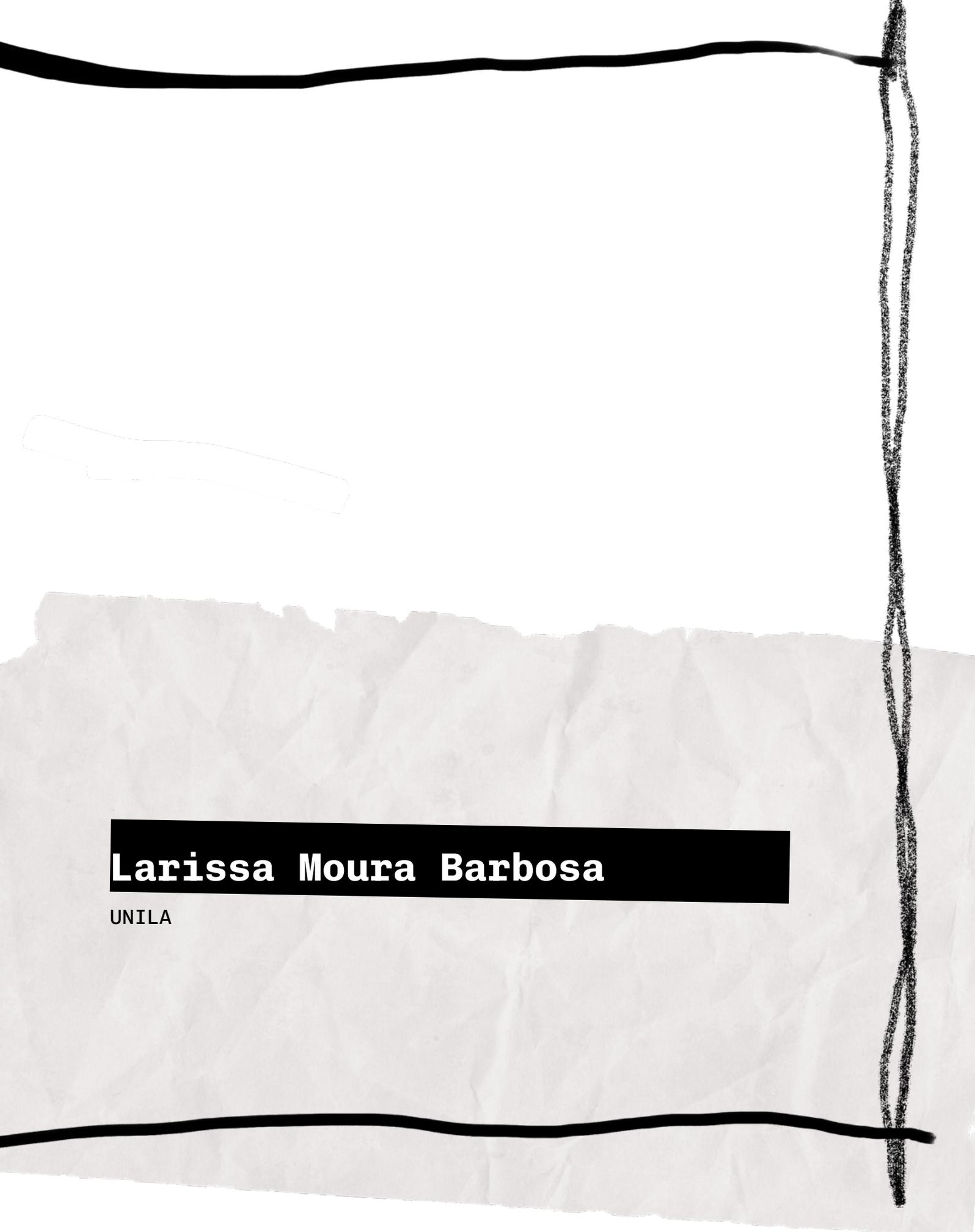


RESENHAS



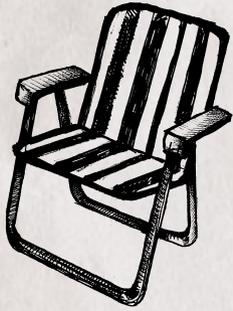
Mabata Bata:

**entre a ficção e a realidade
moçambicana pós-independente**



Larissa Moura Barbosa

UNILA



Uma história que se inicia com um fim; aliás, acredito que não há outra maneira de contar a história de Azárias. O fim de um sonho, de um futuro e da paz. "Mabata Bata" (2017), dirigido por Sol de Carvalho, é uma história sobre finais, até porque durante uma guerra isso se torna mais que "comum".

O filme, baseado no conto "O Dia em que Explodiu Mabata-Bata", de 1987, escrito por Mia Couto, é protagonizado pelo personagem Azárias, um garoto órfão que vive em um povoado na zona rural de Moçambique com sua avó e o tio. Azárias é obrigado a pastorear os bois para que o tio consiga pagar o lobolo¹ e se casar com a filha do Chefe. Entretanto, seu grande sonho é ir para a escola como as demais crianças. Certo dia ele e seu amigo José estão distraídos no pasto e o maior boi da manada explode ao pisar em uma mina deixada pelos soldados que participam da guerra civil. Assustado e com medo das represálias do tio, o menino foge para longe de casa. O tio e a avó saem a sua procura e no encontro Azárias diz que só voltaria para casa se lhe fosse permitido estudar. O tio, pressionado pela avó, acaba cedendo e o menino, em estonteante alegria, corre de volta para a família. Porém, Azárias pisa em uma mina, tal qual o grande boi, e da mesma forma que Mabata Bata voou pelos ares, assim também se vão os sonhos do menino.

A ficção traz consigo o retrato das mazelas causadas pela guerra civil que assolou Moçambique. Guerra esta que teve início no período pós-independência em 1976 e perdurou até a assinatura de um acordo de paz em Roma em 1992. Neste período estavam em conflito o governo da Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique) e o movimento rebelde Renamo (Resistência Nacional Moçambicana). A guerra civil moçambicana também foi parte da Guerra Fria, onde os países periféricos eram usados como aliados do Ocidente ou do Bloco Leste (SHUBIN,

**L
A
J
E**

v.2 n.2
p. 422-429
2023

ISSN: 2965-4904

2008 *apud* IGREJA, 2015). Após quase duas décadas de um período relativamente pacífico, apesar de alguns episódios de violência eleitoral, o país entrou em conflito novamente (2013-2014), o que coincidiu com o clima de descoberta de recursos naturais no país. Alguns autores, inclusive, apontam este como sendo um dos motivos para a nova guerra (NHANTUMBO, 2013 *apud* IGREJA, 2015).

O conflito afetou mais intensamente as zonas rurais, apesar de ter atingido o país como um todo, contrariamente à guerra pela independência que ficou restrita às províncias do Norte (IGREJA, 2015). Nesse sentido, o filme traz um recorte desse período no espaço e no tempo de uma Moçambique contemporânea em um povoado interiorano. Na narrativa, a guerra não é o foco principal, apesar de uma forte presença de elementos que nos localizam nesse tempo histórico. O conflito aparece mais como um pano de fundo, sempre presente, sempre marcado, como se a vida daquelas pessoas estivesse sujeita a tal circunstância. Isso fica evidente logo no início do filme quando vemos a imagem do que seria uma vida comum no interior: animais pastando, uma menina que carrega um balde d'água e um rebanho bovino que é conduzido por um pastor ao fundo. Logo em seguida, soldados aparecem correndo com seus uniformes que destoam da composição e quebram o ritmo da cena.

Um momento interessante do filme é quando Azárias está passando por um local onde uma professora leciona. Aqui, ao final da cena também se nota a presença de um soldado, que permanece de costas, mas presente no ambiente escolar, provocando a sensação de um certo tipo de controle do Estado sobre essa instituição. Isso se soma ao fato de que os alunos estão aprendendo português, sendo que a língua do povoado é o Changana, idioma falado na cidade de Chibuto e na qual o filme foi gravado. Este é um elemento importante no filme porque, durante o período da primeira guerra civil (1976-1992), a educação passou por uma reforma no III Congresso da Frelimo. Entretanto, apesar das modificações, a mesma não fugiu à influência trazida pelo período colonial português. A esse respeito, Marina Di Napoli Pastore e Denise Dias Barros (2018) afirmam que:

[...] foi anunciada a necessidade de formação de um "Homem No-vo", com conteúdos voltados a uma educação de base socialista e democrática, mas que apesar de suas modificações, teve influência dos processos educacionais vivenciados no período colonial, principalmente nos sistemas de organização do ensino regido por disciplinas que seguiam os currículos portugueses e não se fazia uma discussão acerca das culturas da população e das

multiculturalidades existentes, como atenção às etnias e às línguas maternas (PASTORE, BARROS, 2018, p.155).

Nesse sentido, apesar da conquista pela independência, essa cena deixa claro como os resquícios da colonização ainda se fazem presentes no país ao priorizar o ensino do português em relação à língua e cultura locais. Este mesmo processo ocorreu em outros territórios marcados pela colonização, tal qual a América Latina, e que hoje tem sob ameaça o desaparecimento de várias línguas de povos originários. Para além disso, o ensino do português também foi influenciado por razões históricas, já que, durante a expansão colonial, Portugal adotou uma política de assimilação que só considerava o moçambicano um cidadão pleno se ele aprendesse a falar e escrever português (COLLUCCI, 2018). Da mesma forma, também se fazem presentes os mecanismos de violência empregados pelos colonizadores, simbolizados pela figura dos soldados: que oprimem, estão sempre vigilantes aos passos da população e obrigam os camponeses a fornecerem seu próprio alimento para eles.

Em termos estilísticos, é interessante notar que, no momento em que as personagens estão dentro de casa e na cerimônia para trazer o espírito de Azarias de volta, utiliza-se uma câmera baixa. Essa câmera nos aproxima das personagens, integrando o espectador àquela dinâmica e sugerindo como esses corpos se relacionam com o espaço no mundo: corpos que se sentam no chão, dormem no chão e praticam suas crenças no chão. A câmera de Sol de Carvalho também é bastante fixa com poucos movimentos, em sua maioria *travellings*² e panorâmicas.³ Essas características se relacionam com as obras do cineasta Yasujiro Ozu (1903-1963), com sua câmera baixa e com pouco movimento, que lançava um olhar tipicamente japonês ao quadro como se o filme estivesse sendo visto de um tatame (KURAMOTO, 2004). Arriscaria dizer que, aqui, a lógica pode funcionar da mesma forma, pensando nas posições que as personagens ocupam nos momentos ditos anteriormente.

No que diz respeito à arte do filme, um fator interessante a se observar é que Azarias quase se confunde com o pasto. Sua roupa é azul da cor do céu, a bermuda é de um verde opaco como a grama e sua pele retinta da cor dos troncos das árvores. Essa mistura com o ambiente nos sugere a impossibilidade de outras perspectivas de vida para além do pastoreio para o menino. Mesmo após sua morte, seu espírito, que mantém as mesmas roupas, quando está prestes a retornar para a casa da família é impedido de fazê-lo devido à invasão dos soldados. Dessa forma, o espírito de Azarias se vê obrigado a retornar à floresta.

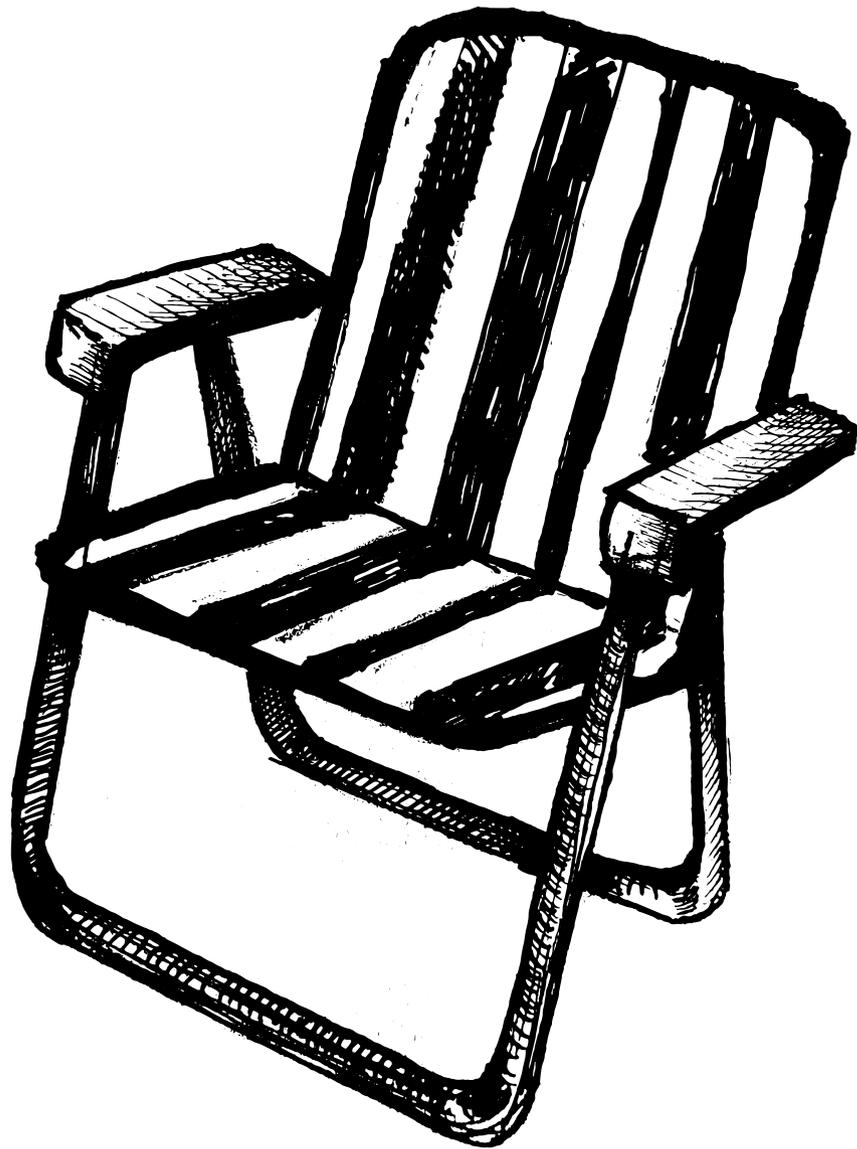
A religiosidade também é um elemento forte apresentado no filme, sendo fundamental para a narrativa. Isto porque, além de justificar o universo em que o espírito de Azariás avalia se deve ou não perdoar a família, na cena final também propõe ao espectador uma reflexão ímpar. A destruição da cabaça, um objeto religioso, pelo soldado indica que o Estado não reconhece esse povo. A vida e a morte de Azariás pouco importa, desde o início, tampouco as tantas vidas perdidas na guerra.

A história de Azariás se finda quando o menino, prestes a realizar o sonho de estudar, pisa em uma mina deixada pelos soldados. O que esse desfecho nos propõe é: como pensar em um futuro se o mesmo está constantemente ameaçado pela guerra? Para além disso, como proporcionar vida digna em um país que ainda sofre com os efeitos da exploração colonial?

No filme *Xala* (1975) do cineasta senegalês Ousmane Sembène, é feita uma crítica à burguesia que está ascendendo ao poder com a conquista da independência. Nesse sentido temos um personagem muito simbólico, Dupont-Durant, um francês que acompanha os dirigentes, como uma sombra do colonizador sempre presente. Da mesma forma, podemos afirmar que em *Mabata-Bata* a guerra civil é a sombra do colonizador que recai sobre Moçambique. Isso é evidente ao analisarmos o contexto em que se deu a guerra civil. Os conflitos sofreram uma grande influência externa, tanto devido à Guerra Fria quanto devido aos regimes africanos de liderança branca, especificamente a Rodésia e a África do Sul. A Renamo é, hoje, considerada um serviço de inteligência estrangeiro criado em 1975 com apoio da Rodésia, que possuía um governo pós-independente criado por colonos brancos. Os interesses ficam ainda mais claros ao se observar os integrantes da Renamo: além de moçambicanos, membros das antigas forças auxiliares portuguesas e dissidentes da própria Frelimo. Entretanto, para Cravino (s.d, *apud* FERREIRA, 2011), a Renamo não é a única culpada pela guerra. De outro modo, a Frelimo utilizava uma política propagandística que buscava impedir eleições livres e um sistema político democrático (FERREIRA, 2011).

A colonização marcou profundamente o continente africano, trazendo consigo as guerras e a fome, além de sofrimentos históricos. Nesse sentido, *Mabata Bata* é muito importante para o registro fílmico da memória do povo moçambicano, um povo que sofreu muito com a guerra. Dessa forma, se faz essencial a busca pela garantia de uma vida digna a essa população, fugindo das armadilhas neocoloniais de dominação. Assim como Azariás nos coloca ao final do filme: "Em tempos de guerra, o melhor plano é mesmo acabar com a guerra".





Notas

1 Também conhecido como "riqueza da noiva", o *lobo* é a propriedade de gado ou espécie que um futuro marido oferece ao chefe da família de uma futura esposa por permitir que se case com sua filha.

2 "Movimento em que a câmera efetivamente se desloca no espaço. Durante esse movimento ela pode manter a mesma distância e o mesmo ângulo em relação ao objeto filmado, se aproximar ou se afastar do objeto, contornar o objeto" (CENPEC, 2021).

3 "Movimento em que a câmera permanece fixa e faz um giro sobre seu próprio eixo" (CENPEC, 2021).

Referências

COUTO, M. **O dia em que explodiu Mabata-bata**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

COLLUCCI, C. Em Moçambique, idioma português se mistura com as línguas maternas. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 23 abr 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/04/em-mocambique-idioma-portugues-se-mistura-com-as-linguas-maternas.shtml>. Acesso em: 20 nov. 2021.

FERREIRA, C. O. Violência mágica: A guerra civil no cinema lusomoçambicano. **Tempo brasileiro**, p. 109-124, 2011.

IGREJA, V. Os recursos da violência e as lutas pelo poder político em Moçambique. In: BRITO, Luis de; CASTEL-BRANCO, Carlos Nuno; CHICHAVA, Sérgio; FRANCISCO, António; FORQUILHA, Salvador. **Desafios para Moçambique**. Maputo: IESE, 2015, p. 31-57.

KURAMOTO, E. Órbitas autorais Yasujiro Ozu e Diane Arbus: Diálogos possíveis. **Studium**,

n. 16, p.5-12, 2004. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/studium/article/view/11771/7697> Acesso em: 07 out. 2021.

CENPEC. **Olhar em movimento: cenas de tantos lugares**. 2. ed. São Paulo: CENPEC; Itaú Social, 2021. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/10856/caderno-documentario.p>. Acesso em: 20 nov. 2021.

PASTORE, M. Di N.; BARROS, D. D. Vivências e Percepções acerca da Educação em Moçambique: Olhares etnográficos em uma escola primária no bairro da Matola A. **Cadernos de Estudos Africanos**, n. 35, p. 149-169, 2018. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cea/2794#tocto1n1>. Acesso em: 08 out. 2021.

PEREIRA, J.; NHANALE, E. **As Eleições Gerais de 2014 em Moçambique: Análise de Questões Fundamentais**. Relatório. Johannesburg: Fundações da Open Society, 2014. Disponível em: <https://docplayer.com.br/6506201-As-eleicoes-gerais-de-2014-em-mocambique-analise-de-questoes-fundamentais-joao-c-g-pereira-e-ernesto-nhanale.html>. Acesso em: 07 out. 2021.

Filmografia

ERA uma vez em Tóquio. Direção de Yasujiro Ozu. Japão: Shochiku, 1953. (136 min)

MABATA Bata. Direção de Sol de Carvalho. Moçambique: Bando À Parte, 2017. 1 DVD (73 min).

XALA. Direção: Ousmane Sembène. Senegal: Filmi Domirev e SNCP, 1975. 1 filme (123 min), sonoro, legenda, color., 35 mm.